

Flores, Cristina „ «Lá está ele a schmatzen!», Particularidades do Discurso de Bilingues Luso-Alemães”, In: *Diacrítica* nº 19/1, Universidade do Minho, 2004, 89-108.

## “Lá está ele a schmatzen!”

### - Particularidades do discurso de bilingues luso-alemães

CRISTINA FLORES

(Universidade do Minho)  
cflores@ilch.uminho.pt

#### Abstract

The present study aims to describe some particularities of portuguese-german bilingual discourse, based on research carried out on bilingual emigrants of the second generation. The study focuses code-switching as the central phenomenon of bilingual speech behaviour. The analysis of switched utterances taken from a corpus comprising three and a half hours of recorded speech gives insight into typical portuguese-german code-switching combinations. The linguistic characterization of the samples led to the definition of two factors: the “principle of economy” and the “tendency to fill system gaps with structures of the other language”.

Das Hauptziel der vorliegenden Arbeit ist die Beschreibung einiger Eigenheiten des Diskurses deutsch-portugiesischer Zweisprachiger, ausgehend von einer Untersuchung an zweisprachigen Rückwanderern der zweiten Emigrantengeneration. Als zentrales Phänomen des bilingualen Sprachverhalten steht der Sprachwechsel (code-switching) im Mittelpunkt der Studie. Die Analyse konkreter Äußerungen mit Registerwechsel aus einem Korpus von insgesamt 3 1/2 Stunden aufgenommener Gesprächszeit soll ein Einblick in typische Kombinationen deutsch-portugiesischer Alternanzprozesse gewähren. Der Versuch einer linguistischen Erklärung der aufgeführten Belege führt uns zur Definition von zwei miteinander verbundenen Faktoren: dem ‚Prinzip der sprachlichen Ökonomie‘ und der ‚Tendenz, Systemlücken mit Strukturen aus der jeweils anderen Sprache zu füllen‘.

**Keywords:** bilingualism, languages in contact, code-switching, portuguese, german.

**Schlüsselwörter:** Bilinguismus, Sprachen in Kontakt, Sprachwechsel, deutsch, portugiesisch.

#### 0. Introdução

À entrada no século XXI e com a crescente globalização, num mundo pós-moderno dominado pela pluralidade das práticas comunicativas, o bilinguismo parece finalmente afirmar-se na sociedade ocidental como um valor positivo, que deve ser defendido e promovido. Porém, se hodiernamente é um dado adquirido que mais de metade da população mundial é bilingue e, como refere Grosjean (1982, 1), que de facto será uma tarefa difícil encontrar uma sociedade genuinamente monolingué, não é certamente por mero acaso ou por amor às estatísticas que muitas das obras de referência sobre Bilinguismo começam por introduzir a temática com uma reiterada chamada de atenção para esta situação linguística.

O crescente interesse da comunidade científica pelos fenómenos bilingues, impulsionado por Uriel Weinreich e Einar Haugen a partir de meados do século XX, veio então colidir com a predominância de teorias linguísticas e sociais profundamente enraizadas numa tradição exclusivamente monolíngue, assente na relação ideal entre indivíduo, língua e comunidade. E, se atendermos que já o mito da Torre de Babel nos apresentava a diversidade linguística como um castigo imposto ao Homem por Deus ou que a formação dos estados nacionais europeus se fundou na crença de que a nação é sustentada por uma única língua, a língua nacional, compreendemos que a luta dos defensores do bi- ou multilinguismo fora, ou continua a ser, a luta contra uma visão cunhada por toda uma evolução histórica.

Ora, não obstante esta tradição monolíngue, é inegável que a Europa multicultural de hoje é um reflexo da evolução globalizante do mundo pós-moderno e Portugal, tradicional país de emigração a transformar-se numa sociedade de imigração, não fica alheio a todas estas transformações. Portugal está claramente a caminhar para o multilinguismo<sup>1</sup> e, para tal, não contribuem apenas as comunidades de imigrantes vindas de leste, de África ou da Ásia, mas também os grupos de ex-emigrantes portugueses regressados à terra natal após, em muitos casos, longos períodos de permanência num país estrangeiro. São precisamente os filhos destes emigrantes - as segundas e terceiras gerações - que melhor representam o conceito de “hibridismo”, de identidade “cruzada” (“*crossing*”), de negociação entre duas línguas e culturas e que, no caso específico dos ex-emigrantes vindos de países de expressão alemã, tornam o bilinguismo luso-alemão um fenómeno de presença efectiva na sociedade portuguesa (e ao qual, sublinhe-se, não se tem dado a devida atenção). Constituem, por isso, um grupo de especial interesse para quem, como nós, se interessa pelo contacto de línguas, nomeadamente o Alemão e o Português.

O objectivo do presente estudo é, pois, lançar um olhar sobre o discurso de bilingues luso-alemães, descrevendo algumas particularidades inerentes ao contacto do Alemão e do Português

## **1. O estudo**

**1.1.** Este estudo abrangeu cinco bilingues luso-alemães de idades compreendidas entre os vinte e três e os trinta anos, de sexo feminino (doravante referidas como A, B, C, D e E). Trata-se, nos cinco casos, de filhas de emigrantes portugueses provenientes do Norte da Alemanha. Uma pessoa nasceu na Alemanha, as restantes quatro emigraram com os pais durante a infância (tinham entre três e seis anos) e passaram toda a sua infância e adolescência no país de acolhimento. Regressaram a Portugal - nos cinco casos, por decisão própria e sem a companhia

dos pais - com idades compreendidas entre os dezoito e os vinte e cinco anos. Os cinco participantes conhecem-se, mas apresentam diferentes graus de convivência entre si (de muito frequente a inexistente).

**1.2.** O estudo baseia-se em dados adquiridos em duas fases distintas: numa primeira fase foram feitas entrevistas estruturadas; numa segunda fase foram gravadas conversas informais entre as bilingues participantes.

As entrevistas: o seu objectivo central consistiu na obtenção de alguns dados sócio-linguísticos (tipo e idade de aquisição do bilinguismo, constelações familiares, abrangências de utilização das línguas; escolha de língua e tipologia de situações bilingues), destacando-se as questões relacionadas com os hábitos linguísticos dos participantes.

As conversas informais: constituem a base deste estudo. Num espaço de dois meses foram feitas gravações de conversas mantidas **entre** os cinco bilingues participantes em diferentes situações de interacção. Perfazendo um total de três horas e meia de gravação, temos a seguinte distribuição de conversas: 1h05min e 14min entre A e C; 48min entre A e B; 20min entre B e C; 51min entre A, B e D; 15min entre B e E.

Posteriormente, foi pedido aos participantes o preenchimento de um questionário, no qual deveriam indicar o grau de aceitabilidade de enunciados. As frases a julgar foram retiradas das conversas gravadas e apresentadas em conjunto com variações sintácticas das mesmas.

## **2. Terminologias e conceitos**

**2.1.** Da análise das conversas gravadas ressalta um dado central: nenhuma das conversas se desenrola num único registo linguístico, ou seja, todas elas apresentam alternâncias de idioma, situação que não surpreende, uma vez que “Switching is not an isolated phenomena, but a central part of bilingual discourse” (Appel/ Muysken 1987, 117) - muitos estudos têm demonstrado isso. Exemplificando:

Na conversa entre A e B registam-se 38 sequências discursivas (correspondendo uma sequência à parte em que fala um interlocutor até passar a palavra ao outro), perfazendo um total de cerca de 270 frases proferidas. Em 85 momentos (das 270 frases; dos 48 minutos, das 19 vezes que cada um toma a palavra) verifica-se alteração do código linguístico utilizado; das 38 sequências, apenas 9 são produzidas num único registo.

Quanto às alternâncias observadas, se nos servirmos da classificação proposta por Poplack (1980) e distinguirmos entre “tag-switching”, “inter-sentential” e “intra-sentential” switching, temos 14 alternâncias do tipo “tag-switching” (uma interjeição/ um bordão linguístico/ um

substantivo isolado é proferido em código diferente), 25 do tipo inter-frásico (a alternância dá-se na passagem de uma frase para outra) e 46 alternâncias intra-frásicas (a alternância processa-se no interior de uma frase).

**2.2.** Desde Poplack, e contrariamente ao que afirmara Weinreich, actualmente está largamente difundida e aceite na comunidade científica a opinião de que a facilidade com a qual um falante bilingue alterna as línguas, nomeadamente quando essa alternância é do tipo intra-frásico, é um claro sinal da sua elevada proficiência linguística. É importante salientar que só o bilingue que conhece e domina bem os dois sistemas gramaticais das línguas que manipula é capaz de os encaixar num enunciado, mantendo a sua gramaticalidade, ou, dito por Poplack, “alternation between two languages requires a high level of bilingual competence. Code-switching involves enough knowledge of two (or more) grammatical systems to allow the speaker to draw from each system only those rules which the other shares, when alternating one with another”<sup>2</sup>. Neste sentido, o nosso estudo vem apenas confirmar o que parece há muito não estar em causa. Dos cinco falantes estudados, só E, que define claramente o Alemão como sendo sua língua dominante e preferida e que teve um contacto menos intenso com o Português enquanto vivia na Alemanha, apresenta um baixo índice de alternância intra-frásica (de 22 alternâncias registadas, apenas cinco [22%] processam-se no interior de uma oração). Este dado contrasta visivelmente com o comportamento linguístico de A e B, acima descrito (num discurso de 85 alternâncias, 50% são do tipo intra-frásico). Nas conversas que envolvem os falantes C e D, o quadro estatístico é muito semelhantes a este.

**2.3.** Antes de avançarmos para a análise das manifestações verbais dos falantes em estudo, convém, neste ponto, passar em revista alguns conceitos e terminologias, que, não sendo o cerne do nosso estudo, constituem a base de toda a investigação bilingue. Aludiremos apenas às questões de relevância para o nosso grupo de estudo.

Uma das primeiras questões que se levanta quando falamos de bilinguismo prende-se com a definição do próprio termo “bilinguismo” - “afinal, quando é que alguém é bilingue?”. É precisamente nesta questão que começam as primeiras confusões terminológicas: para uns, basta um indivíduo apenas compreender uma segunda língua, mesmo não sendo capaz de a falar, para ser considerado bilingue, para outros, só o é se dominar as duas línguas da mesma forma que os respectivos monolíngues<sup>3</sup>. Intimamente ligados a este critério da proficiência linguística do falante estão a idade e a forma de aquisição das línguas. Autores como Meisel impõem a barreira dos três anos para distinguir “bilinguismo” de “aprendizagem de segunda

língua” (“I call *bilinguals* those individuals who acquired their two languages in early childhood, that is, who were exposed to both languages from early on, say before age 3:0 [...]. As for those acquiring the second language later on, I refer to them as child or adult *L2 learners*”, Meisel 1994, 414). Ao critério etário é ainda associada a forma de aquisição, distinguindo-se entre a aquisição simultânea das duas línguas (em fase precoce) e a sucessiva (na qual o indivíduo adquire os dois idiomas de forma sequencial, geralmente numa fase mais tardia). Por sua vez, a esta tipologia parecem estar também ligadas questões relacionadas com a dominância das línguas, considerando-se que a aquisição simultânea favorece um domínio equilibrado dos idiomas enquanto que o bilinguismo tardio gera dominância de um dos sistemas linguísticos. Ora, é neste contexto que devem também ser entendidos conceitos como “*code-mixing*”, “*language-mixing*”, “*code-switching*” e “*fusion*”. A multiplicidade de termos que foram criados para designar instâncias em que duas línguas são justapostas espelha a preocupação dos estudiosos em distinguir entre dois fenómenos distintos: por um lado, a incapacidade dum falante em separar os dois sistemas linguísticos, fenómeno relacionado com falhas na sua competência gramatical e conseqüente “ *fusão*” das duas línguas, por outro, a capacidade dum falante, apto em separar as duas línguas que domina, “to select the language according to the interlocutor, the situational context, the topic of conversation, and so forth, and to change languages within an interactional sequence in accordance with sociolinguistic rules and without violating specific grammatical constraints” (Meisel 1994, 414) - é este tipo de justaposição, atribuído à competência pragmática do falante bilingue, que geralmente se designa por *code-switching*, isto é, “*alternância de códigos*”.

A relação entre idade e forma de aquisição, grau de proficiência linguística, domínio e separação de línguas não é, no entanto, tão linear como este breve resumo poderia deixar prever. Basta olharmos para alguns dados relativos ao nosso grupo de estudo, para se levantar questões como as seguintes: “será que, por terem adquirido as suas línguas de forma sucessiva, estes bilingues têm maiores dificuldades em separar os dois sistemas gramaticais?”, neste caso “será que o fenómeno de alternância de códigos observado é denunciador de algum tipo de fusão linguística” e, se assim é, “qual das duas línguas é então a dominante?”. A resposta a estas questões exige um estudo longitudinal aprofundado, de que neste momento não dispomos<sup>4</sup>, mas os dados que já temos (entrevistas e gravações de conversas informais) permitem-nos formular algumas hipóteses, nas quais sustentamos as reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho:

Todas as cinco participantes adquiriram o seu bilinguismo de forma sucessiva (mesmo no caso da pessoa nascida na Alemanha), uma vez que a única língua falada no seio da família era

o Português e o primeiro contacto efectivo com o Alemão só se deu aquando da escolarização (ou entrada no jardim de infância, num caso). No entanto, nesta fase, a dominância do Português rapidamente se alterou e, com a restrição do seu uso ao contacto com a família, a comunidade portuguesa adulta e o ensino do Português, bisemanal, estabelece-se uma distribuição diglósica, que se irá manter até ao regresso a Portugal: o Português afirma-se como a língua dominante no seio da família e da comunidade portuguesa, o Alemão é a língua de socialização (na escola, com os amigos - mesmo os portugueses, no contacto com o espaço público). Ora, pensamos que é esta distribuição estável, o uso frequente e sistemático de cada idioma no seu “domínio social”, como lhe chama Joshua Fishman (Fishman 1968), que favorece o desenvolvimento equilibrado das competências gramaticais de ambas as línguas, podendo-se falar de “bilinguismo equilibrado” ou “balanceado” (“*balanced bilingualism*”) mesmo que as línguas tenham sido adquiridas de forma sequencial. Além disso, o facto de ter existido uma divisão permanente, embora flexível, da utilização das línguas por domínios sociais contribuiu para a separação efectiva dos dois idiomas, sendo, neste caso, de rejeitar por completo as hipóteses de fusão ou de desenvolvimento interdependente dos dois sistemas linguísticos. As respostas obtidas nas entrevistas vêm ao encontro da hipótese de “bilinguismo equilibrado”, uma vez que apenas uma participante considerou dominar muito melhor o Alemão que o Português. No caso específico do grupo em estudo, a definição destes conceitos, nomeadamente o da língua dominante, torna-se ainda mais complexo, se tivermos em conta que as falantes vieram viver para Portugal, passando a expor-se a um *input* muito maior por parte do Português.

De qualquer modo, e para rematarmos estas reflexões, os dados de que dispomos neste momento, nomeadamente as conversas gravadas, nas quais é quase impossível definir uma língua matriz (“*matrix language*”), uma vez que a alternância de idiomas se dá tanto do Alemão para o Português como vice-versa, indicam-nos que, no caso destas ex-emigrantes de segunda geração, estamos perante uma situação efectiva de 2L1 (duas línguas primárias) e não de L2-*acquisition* (nenhuma das duas línguas pode ser considerada “segunda língua”).

Neste sentido, os registos de alternância que constituem o nosso *corpus* só podem ser classificados como efectivos exemplos de *code-switching*, associados ao elevado grau de proficiência linguística dos falantes em ambas as línguas, admitindo, porém, que maioritariamente por razões de perda de “controlo” (Sharwood Smith/ van Buren 1991) (por exposição dominante a *input* português em detrimento do Alemão), alguns registos de alternância possam efectivamente não passar de meras estratégias de remediação.

### 3. Particularidades do discurso bilingue luso-alemão

3.1. Ultrapassada a questão da proficiência linguística do falante que alterna as línguas, os investigadores interessados no fenómeno *code-switching* passaram a estudá-lo a partir de diversos ângulos. Não deixando de reconhecer a necessidade de conciliação das múltiplas vertentes subjacentes a este processo<sup>5</sup>, uns fizeram recair o seu interesse nas motivações discursivas da alternância de códigos, os outros puseram em relevo a sua natureza linguística, favorecendo o seu estudo sintáctico. Nesta linha de investigação, uma das maiores preocupações dos linguistas tem sido a procura pela definição de parâmetros gramaticais que regem a alternância de um sistema linguístico para outro (“*grammatical constraints*”). A discussão em torno da construção de uma gramática universal, aplicável a qualquer par idiomático, manter-se-á certamente acesa ainda por algum tempo.

Este interesse pelos constrangimentos sintácticos tem, no entanto, relegado para segundo plano uma análise qualitativa das alternâncias observadas na justaposição de línguas concretas. Se na literatura sobre a alternância abundam modelos que explicitam os factores pragmáticos<sup>6</sup> subjacentes a este fenómeno, o mesmo não acontece em relação aos factores estritamente linguísticos. Assim, quando “there is apparently no real social motivation for, or significance attached to, the practice of code-switching” a maioria dos estudiosos concorda que “there is no ‘good reason’ for switching” (Poplack 1980, 614) e atribui as ocorrências observadas a mero acaso, ou melhor, ao leque alargado de escolhas que está à disposição do falante bilingue. Neste sentido, se o falante, depois de respeitar as restrições sintácticas impostas pelos sistemas gramaticais das duas línguas, tem ao seu dispor a possibilidade de verbalizar a mensagem ou numa ou noutra língua - e se não há fortes motivações sociais, psicológicas ou discursivas que possam reger a sua escolha - ele aparentemente toma a sua decisão por livre arbítrio. Exemplifiquemos este posicionamento com um exemplo de Poplack:

“Tell Larry que se calle la boca.” (Poplack 1980, 587)

Segundo a autora, a alternância do Inglês para o Espanhol depois da oração subordinante é gramaticalmente aceitável, uma vez que esse nó de alternância respeita a restrição de equivalência (“*equivalence constraint*”), já que em ambas as línguas temos uma oração subordinada enquanto complemento de V (que no inglês corresponde a uma oração infinita, enquanto que no espanhol é introduzida por conjunção). Assim, no ponto até ao qual as línguas se equivalem estruturalmente (depois de “Larry”), o falante bilingue tem a opção de prosseguir a sua locução em Inglês (“Tell Larry to shut his mouth”) ou alternar para o Espanhol. Estando cumprida a restrição gramatical e, reiterando, não havendo outras motivações extralinguísticas, é geralmente aceite que a escolha se processa de forma inconsciente e casual. Ora,

é precisamente neste ponto que o presente trabalho pretende prosseguir com as reflexões sobre o fenómeno da alternância de códigos.

**3.2.** Para tal, observemos a seguinte frase, em muito semelhante à de Poplack, retirada do nosso corpus:

(1) Diz a ele *ich will nicht frühstücken*.

[Diz a ele que não quero tomar o pequeno-almoço.]

Interrogada sobre a razão da alternância para o Alemão neste enunciado, a falante B replicou que “só diz mesmo «tomar o pequeno-almoço» quando é obrigada a tal porque está a falar com portugueses” e, continuando, “é uma seca ter que dizer essas palavras todas: TOMAR O PEQUENO-ALMOÇO, se em Alemão existe uma única palavra para tal: FRÜHSTÜCKEN”<sup>7</sup>. Em consonância com o acima referido, podemos afirmar - não querendo, porém, adotar o modelo de restrições formulado por Poplack, uma vez que, como veremos mais adiante, o nosso *corpus* apresenta inúmeros contra-exemplos -, que a alternância do Português para o Alemão se deu num nó permitido (num local da frase onde a ordem sintáctica das línguas é equivalente). Neste ponto, o falante tinha a opção de escolher um dos dois idiomas que domina para prosseguir o seu enunciado. No entanto, a escolha que fez não foi de modo algum arbitrária e, não aparentando motivações de ordem social, tem de ser explicada do ponto de vista linguístico: a opção recaiu na formulação mais curta, o que nos permite concluir que o *princípio de economia da língua*, entendido por Martinet como “o princípio de menor esforço”, que “regula o comportamento linguístico” do homem (Martinet, 1976, 67) se aplica também à produção verbal bilingue. De facto, o nosso *corpus* comprova que este é um factor que não deve ser menosprezado na compreensão do fenómeno *code-switching*. Inúmeros exemplos atestam a recorrência à outra língua quando esta dispõe de componentes mais económicas para expressar um dado conteúdo verbal. Aliás, muitas vezes são os próprios falantes que apontam para o princípio da economia linguística quando questionados acerca das razões de alternâncias observadas.

(2) *Nee*, eu já fui *tanken*.

[Não, eu já fui abastecer.]

A opção pelo verbo alemão “*tanken*” vem preterir, não o verbo “abastecer”, que a falante admite nunca utilizar no Português, mas a expressão “pôr gasolina/ gasóleo”, normalmente usada quando se refere ao acto de abastecer em contexto monolíngue. Noutro contexto, a mesma falante afirma:

(3) É logo a seguir à *Tankstelle*.

[É logo a seguir ao posto de abastecimento/ à bomba de gasolina.]

**3.3.** Aliada a esta motivação economizadora, os exemplos (4) e (5) vêm confirmar uma outra característica muito frequente no discurso de bilingues (luso-alemães): a capacidade de aproveitamento e conjugação das potencialidades estruturais que cada língua tem a oferecer aos seus falantes. Ou seja: detectando lacunas estruturais numa língua, o falante tende a preenchê-las com estruturas de alta produtividade do outro idioma.

(4) Até é uma que fala mesmo *Fach*português.

[Até é uma que fala mesmo Português técnico.]

(5) Sim, limpei-o mit der *Vapormaschine*.

[Sim, limpei-o com a máquina de vapor.]

Senão vejamos:

A língua alemã é muito produtiva no campo da formação de palavras. A riqueza deste processo, que “acontece em alemão com muito mais facilidade e frequência do que em português”, “assenta, pois, no facto de poderem ser formadas novas palavras, praticamente sem limite, a partir de um inventário-base de palavras e de um número limitado de padrões de formação. Por outro lado, através deste meio, podem criar-se palavras que mais concisamente expressam o que de outra forma exigiria mais palavras.” Esta explicação da *Gramática de Alemão* (Hoberg 2001, 83) realça precisamente a concisão como sendo a grande potencialidade do processo, à qual se alia a sua capacidade criativa (a capacidade de criação de novas palavras através da justaposição de elementos). Ora, não dispondo de um processo com equivalente funcionalidade no Português, o falante bilingue tem a possibilidade - porque domina bem ambas as línguas - de integrar essa potencialidade do Alemão quando produz um enunciado em Português. Deste modo, em (4) e (5), a construção da palavra composta (ainda por cima híbrida, com um dos elementos em Alemão [*fach*]/ [*maschine*] e o outro em Português [português]/ [vapor]) é claramente motivada por esta capacidade de seleccionar e conjugar precisamente as estruturas mais funcionais de cada língua.

É óbvio que esta competência linguística é indissociável de necessidades lexicais derivadas da falta de itens equivalentes nas línguas em contacto ou mesmo do desconhecimento de tal equivalência por parte do falante, muitas vezes devido ao seu *feedback* social, às suas experiências e vivências culturais. Assim, a construção “Vapormaschine” resulta não só da tendência economizadora inerente ao processo de composição do Alemão, mas também da falta de designação equivalente desse utensílio doméstico na língua alemã (que, certamente, se

deve ao desconhecimento do falante, uma vez que contactou pela primeira vez com o objecto em Portugal, desconhecendo a sua existência aquando da estada na Alemanha)<sup>8</sup>. Em (6) e (7) a recorrência a palavras alemãs deve-se claramente a esta falta de equivalência lexical:

(6) Andei num *Wirtschaftsgymnasium*.

[Andei numa escola técnica de economia.] Este tipo de escola não tem correspondente no sistema educativo português.

(7) Porque é tão esquisita com certas comidas e depois vai comprar *Fertiggerichte*.

[Porque é tão esquisita com certas comidas e depois vai comprar comida pré-cozinhada.] Este tipo de comida, que há muito faz parte dos hábitos alimentares alemães, só há pouco entrou também na cozinha dos portugueses.

Como demonstram os enunciados (8) e (9), o aproveitamento da potencialidade inerente à composição alemã vai até ao ponto de nenhum dos elementos compostos ser verbalizado em Alemão, recorrendo-se apenas à sua estrutura gramatical:

(8) Ando numa fase em que só me apetece comer salsicha-sandes.

[Ando numa fase em que só me apetece comer sandes de salsicha.]

(9) Detesto isso como as vinho-do-Porto-rabanadas da minha mãe.

[Detesto isso como as rabanadas de vinho do Porto da minha mãe.]

Em ambos os exemplos é ainda mantida a ordem do composto determinativo alemão, segundo a qual o primeiro termo determina o segundo (ao contrário do Português). Assim, em “salsicha-sandes”, a primeira componente indica o tipo de sandes (com salsicha) e, em “vinho-do-Porto-rabanadas”, o tipo de rabanada (de vinho-do-Porto).

**3.4.** Muitas outras estruturas, tipicamente alemãs ou portuguesas, podiam ser referenciadas para explicitar esta capacidade de conjugação do falante bilingue. Retemo-nos apenas em três: a intensificação alemã, a utilização do sufixo *-inho* e a perífrase verbal “*estar a + infinitivo*” do Português.

**3.4.1.** No Alemão, a intensificação por meio de construções pseudo-compostas é um processo muito produtivo. Formalmente muito semelhantes ao processo de composição acima descrito, estas construções também se formam a partir da justaposição de palavras. No entanto, “o primeiro elemento perdeu o seu verdadeiro significado e tem apenas uma função aumentativa, tal como acontece com certos prefixos.” (Hoberg 2001, 216) A título de exemplo, observemos a construção “*Mordsglück*”, formada com os substantivos “*Mord*” (assassínio) e “*Glück*” (sorte). “*Mordsglück*” não significa, no entanto, “sorte de assassínio” ou “assassínio

de sorte”, mas apenas uma “sorte imensa/ extrema”. Como a intensificação é um processo da língua sujeito a intenso desgaste, estas construções estão em constante renovação, constituindo um processo aberto e muito criativo. Muitas são de uso coloquial e dominam sobretudo no discurso oral, pelo que abundam também no nosso *corpus* bilingue. Ora, também neste caso se verifica o aproveitamento de uma estrutura muito funcional de uma língua, conjugando-a com as estruturas da outra. Exemplificando:

(10) Lá vem ele *mit seinen Mordssapatilhas*.

[Lá vem ele com as suas sapatilhas extremamente ... ] A característica a intensificar está implícita, só o contexto situacional poderá explicitá-la. Assim, as sapatilhas poderão ser grandes, altas, vistosas.

(11) Tem aí um *Riesenestacionamento*, não é?

[Tem aí um estacionamento enorme, não é?]

Em muitos casos, a intensificação é acompanhada de conotação, positiva ou negativa:

(12) Que *Scheiß*-brinquedo!

[Que brinquedo tão estúpido!]

**3.4.2.** Em contrapartida, o Português apresenta grande produtividade na área da sufixação e consegue oferecer aos seus falantes potencialidades sem correspondência estrutural noutras línguas, nomeadamente no Alemão. Neste âmbito, e como afirma Vilela, “os sufixos diminutivos representam um dos traços típicos da língua portuguesa [...]. Aliás, este é um dos traços das línguas românicas” e, continuando, “[o] sufixo -(Z)INHO/A é de longe o afixo mais produtivo com função diminutiva [...]” (Vilela 1994, 83). Porém, citando Oliveira, “não constitui já novidade dizer-se que, dos muitos valores possíveis do diminutivo português, o puramente diminutivo é justamente o menos frequente. Também não é novo afirmar-se que, por vezes, esse sufixo toma precisamente o valor contrário daquele que o seu nome indica, isto é, o de aumentativo ou superlativo.” (Oliveira 1962, 77) Portanto, a par das funções diminutiva ou aumentativa, o sufixo *-inho* exprime também forte emotividade (como pena ou desprezo) e conotação positiva ou negativa. Sem equivalente no Alemão, onde os sufixos diminutivos têm apenas função diminutiva e são de rara utilização (“ein kleines Auto” [um carro pequeno] em vez de “ein Autochen” [um carrinho]), não raras vezes verifica-se a sufixação de substantivos alemães com este afixo português<sup>9</sup>, atribuindo-lhes uma significação que, em Alemão, teria de ser dada de forma diferente - e porventura mais comprida. Neste sentido, encontramos enunciados como:

(13) *Was für ein schöner Stauzinho!*

[Que lindo engarrafamentozinho!]

(14) - *Und was hast du gegessen? Leckeren Fischzinho?*

[E tu o que comeste? Peixinho bom?]

(15) Que *Stuhlzinho* mais *süß!*

[Que cadeirinha mais engraçada!]

Com efeito, nestes exemplos, a sufixação com *-inho* serve sobretudo propósitos pragmáticos: reforça a ironia do locutor (já expressa na utilização do adjetivo “schön”/ lindo) ou a sua aprovação (quanto ao alimento “peixe”). A alternância tão acentuada do enunciado “Que *Stuhlzinho* mais *süß!*” vem demonstrar claramente esta capacidade de conjugação dos diferentes recursos oferecidos pelas duas línguas: a carga emotiva do adjetivo *süß*, que não tem item lexical equivalente em Português<sup>10</sup> (exprime aprovação, agrado, juízo de valor positivo), é reforçada pela emotividade subjacente a *-inho*, neste caso aliada à função diminutiva.

**3.4.2.1.** É de referir, neste contexto, uma característica da alternância de códigos, à qual os estudiosas por vezes aludem, sem no entanto lhe dar grande importância, mas que está estritamente ligada ao discurso bilingue: o seu carácter lúdico. Autores como Gumperz ou Timm têm salientado a função estilística de enunciados alternados. De salientar, porém, que, se “switching is frequently employed by bilinguals as a highly effective rhetorical or stylistic device: most commonly, perhaps, switching sets off quotations, but it may also be used to emphasize what was just said [...]; to mimic someone, or to depict aspects of life which are the subject of humorous and/or satirical commentary” (Timm 1975, 475), ou seja, se, em muitos casos, a alternância é o meio estilístico escolhido para enfatizar conteúdos humorísticos, também o inverso é válido, pois não menos frequentemente é a própria alternância que leva ao gracejo, isto é, motiva o divertimento. Como comprovam algumas afirmações metalinguísticas recolhidas no nosso *corpus*, os falantes bilingues estão conscientes do efeito humorístico dos seus enunciados alternados:

(16) *Ja, fizeste-me Kotzvontade. Ha, warum habe ich nicht vontade de vomitar gesagt, nee? Kotzvontade ist doch viel lustiger.*

[Sim, fizeste-me vontade de vomitar. Ah, porque é que eu não disse vontade de vomitar, não é? *Kotzvontade* é muito mais engraçado, não achas?]

(17) *Tinha um Ball da Chicco, den ich so toll fand. Ok, lach nicht. Ich weiß, das war wieder toll von mir!*

[Tinha uma bola da Chicco, que eu adorava. Pronto, não te rias. Já sei que esta foi mais uma das minhas!]

(18) *Er wird sowieso gleich colo wollen. Ui* [riso], *nee, auf den Schoß!*

[Afinal, daqui a pouco ele vai querer colo. Ui, [riso] não, - correcção em Alemão-.]

**3.4.3.** A crescente produtividade das estruturas perifrásticas no sistema verbal do Português actual tem sido realçada por estudiosos como Barroso (1999), segundo o qual “de um conjunto relativamente grande de estruturas perifrásticas [...] verbais de que o português hodierno dispõe, a esmagadora maioria está ao serviço de valores de natureza predominantemente aspectual, também de natureza temporo-aspectual. Isto quer, pois, significar que [...] a expressão perifrástica constitui, de facto, o instrumento privilegiado/ por excelência das funções gramaticais em epígrafe no sistema verbal do português de hoje, sobretudo pelo seu grau de excepcional produtividade.” Para Barroso, o crescente grau de funcionalidade da perifrástica é “denunciador do princípio da economia linguística”, opondo-se a outros meios de expressão aspectual ou temporo-aspectual, como o “lexema verbal, os processos de formação de palavras (ao nível da palavra), os advérbios e outros adjuntos adverbiais (ao nível da frase).” (Barroso 1999, 331/332) Ora, não dispondo de um sistema perifrástico como o português, o Alemão tem de recorrer precisamente aos outros meios (acima referidos) para indicar aspecto, sabendo-se que o rico sistema perifrástico português ultrapassa em larga medida as possibilidades de expressão lexical de que o Alemão dispõe. Assim, só uma dispendiosa paráfrase poderá traduzir uma expressão como “tenho feito alguns trabalhos.”. Se, depois destas reflexões gerais sobre as potencialidades de expressão aspectual no Português em contraste com uma menor funcionalidade no Alemão, e no seguimento do que foi dito sobre a capacidade do bilingue em economizar e conjugar as estruturas de ambas as línguas, nos voltarmos novamente para o comportamento linguístico do bilingue luso-alemão, podemos facilmente deduzir que o sistema perifrástico/ a expressão de aspecto serão um terreno extremamente fértil para a ocorrência de processos de *code-switching*. Com efeito, inúmeros são os exemplos do nosso *corpus* que neste contexto poderíamos apresentar. Optámos por nos restringir à perífrase verbal constituída por “*estar* + preposição *a* + infinitivo”, que, como indica Barroso<sup>11</sup>, a par de “*ter* + particípio” e “*ir* + infinitivo”, é das perífrases de ocorrência mais frequente, sendo mesmo a mais frequente no nosso *corpus*.

Várias são as possibilidades de combinação das duas línguas - e as implicações sintácticas subjacentes - para expressão da categoria aspectual através de uma construção perifrástica. Por razões sintácticas evidentes, o modelo dominante é:

«V aux (Ptg) + Prep. *a* (Ptg) + Inf. (Al.)», como em:

(19) *Guck mal, lá está ele a schmatzen. Das macht er absichtlich.*

[Olha, lá está ele a mastigar alto. Faz de propósito.]

(20) O que é que a fulana **está** pr'aí **a labern**?

[O que é que a fulana está pr'aí a dizer?]

(21) *Nee, nicht aussteigen, ainda estou a tanken.*

[Não saias do carro, ainda estou a abastecer.]

Como o infinitivo é uma categoria existente em ambos os idiomas, a sua verbalização em Alemão não exerce influência na estrutura sintáctica da frase, mantendo-se a ordem do Português (estar + a + infinitivo). Efectivamente, dá-se, neste caso, apenas a introdução, na frase portuguesa, de uma única palavra “estranha”, processo geralmente designado por “empréstimo lexical” (“*borrowing*”).

Este modelo de combinação permite, assim, ao falante bilingue preencher um espaço gramatical inexistente ou menos funcional numa língua com uma categoria gramatical de excepional produtividade do outro idioma. As expressões “estar a *schmatzen*” e “estar a *labern*” exemplificam este “aproveitamento de potencialidades” na perfeição: a perífrase verbal portuguesa é combinada com verbos alemães sem lexemas equivalentes no Português. Com efeito, o verbo alemão *schmatzen* designa uma acção para a qual o Português não dispõe de signo linguístico (acção de mastigar a comida de forma barulhenta), enquanto que o verbo *labern*, pertencente a um registo mais coloquial, designa uma forma específica de falar (com conotação negativa; o conteúdo falado é desvalorizado), também ele sem equivalente directo no Português<sup>12</sup>.

Encontrámos, no nosso *corpus*, outros modelos de combinação perifrástica, que evidenciam maior interligação dos dois sistemas gramaticais e são, como acima referido, por isso, denunciadores do equilíbrio na competência linguística (e pragmática) dos falantes em estudo:

(22) Estava *ganz ernst gucken*.

[Ele estava a olhar muito sério.]

A estrutura da perífrase é dada pelo Português («verbo auxiliar + [preposição] + verbo infinitivo»), mas modificada sintacticamente pelo sistema gramatical alemão, que, para a sequência «Verbo auxiliar + Verbo infinitivo», determina a estrutura sintáctica «Vaux + Vinf em posição final de frase». Num enunciado com sintagma adverbial, como em (22), teremos no Alemão «Vaux + Sadv + Vinf», ao invés do Português, que determina «Vaux + Vinf + Sadv». Isto significa que a presença do sintagma adverbial, estando em posições sintácticas diferentes no Alemão (antes do Vinf) e no Português (após o Vinf), obriga o falante a optar por um

sistema gramatical. Neste caso, a opção recaiu no sistema alemão (o que originou a supressão da preposição *a*). Como demonstra o teste sobre a aceitabilidade de frases com alternância intrafrástica (C.f. 1.2.), que incluiu a frase (22) e variações sintáticas desta, a opção por um dos sistemas gramaticais também podia recair no sistema português, uma vez que a frase “Estava a gucken ganz ernst” também é considerada aceitável por alguns dos falantes questionados<sup>13</sup>. Neste caso, é mantida a ordem sintática imposta pelo Português, mas as categorias gramaticais *Vinf* e *Sadv* são verbalizadas em Alemão.

Igualmente interessantes são construções como a do seguinte exemplo:

(23) *Der Dumme!* Veio e roubou-me o bolo, que eu estava *am Verputzen*.

[O tolo! Veio e roubou-me o bolo, que eu estava a comer<sup>14</sup>.]

O falante serve-se de uma construção do Alemão que, embora com função muito mais restrita e uso menos frequente, apresenta uma estrutura semelhante à perífrase portuguesa: “Verbo *sein* + Preposição *am* + Infinitivo substantivado”, por exemplo “das Mittagessen *sei am Kochen*”<sup>15</sup>. A sequência “Prep. *am* + Inf. subst.” é assim equiparada à sequência portuguesa “Prep. *a* + Inf.” e utilizada num contexto não possível no Alemão (*Ich bin es am Verputzen*<sup>16</sup>.)

#### 4. Conclusão

Enquanto fenómeno linguístico típico do discurso bilingue, a alternância de códigos assume também crucial importância nas manifestações verbais de bilingues luso-alemães.

Côncios da necessidade de conciliação de explicações de natureza pragmático-discursiva e linguística, propusemo-nos, porém, neste estudo a lançar um olhar mais aprofundado sobre os factores linguísticos, que possam motivar a ocorrência de enunciados “alternados”. Ora, uma importante motivação parece ser, neste contexto, a tendência para seleccionar as estruturas verbais mais económicas de cada língua, conjugando-as num único enunciado, porventura mais económico que as suas variantes monolingues. Intimamente ligado a este factor, denunciador do “princípio da economia linguística”, encontramos ainda a tendência para conciliação das estruturas produtivas de cada língua, preenchendo-se lacunas estruturais de um idioma com componentes funcionais do outro. No caso específico do par linguístico Português / Alemão, são propícias a este tipo de processo, entre outras, estruturas como a *composição* e a *intensificação pseudo-composta* do Alemão, a *sufixação com -inho* e a *perífrase verbal* do Português. É ainda de salientar o carácter lúdico de muitas construções “alternadas”.

Por fim, a facilidade com a qual os falantes bilingues analisados neste estudo produzem este tipo de enunciados alternados confirma a hipótese de estarmos perante situações de bilinguismo equilibrado, como fora inicialmente postulado.

## 5. Referências bibliográficas

- APPEL, René/ MUYSKEN, Pieter : *Language Contact and Bilingualism*. London: Arnold, 1987.
- BARROSO, Henrique: “Das Perífrases Verbais e/ ou Complexos Verbais Perifrásticos”. In: *Diacrítica 13-14*. Braga: CEHUM, 1999, pp. 331-387.
- CUNHA, Celso/ LINDLEY CINTRA, Luís: *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa, 1985.
- FISHMAN, Joshua: “Sociolinguistic perspective on the study of bilingualism.” In: *Linguistics 38*, pp. 21-50.
- GROSJEAN, François: *Life with Two Languages*. Cambridge: Harvard UP, 1982.
- GUMPERZ, John J.: *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- HOBERG, Rudolf/ HOBERG, Ursula: *DUDEN. Gramática de Alemão*. Porto: Porto Editora, 2001. (título da edição original: *Der kleine Duden - Deutsche Grammatik*, trad.port. por Erwin Koller e Maria Odete Gonçalves Koller)
- LÜDI, Georges/ PY, Bernard: *Zweitsprachigkeit durch Migration*, Tübingen: Niemeyer, 1984.
- MARTINET, André (ed.): *Conceitos fundamentais da linguística*. Lisboa: Editorial Presença, 1976. (título original: *La Linguistique*, trad.port. por Wanda Ramos)
- MARTINS, Cristina dos Santos Pereira: *Bilinguismo e manifestações verbais bilingues: uma breve sinopse teórica*. Coimbra: Fac. Letras de Coimbra, 1997. - Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*.
- MEISEL, Jürgen: Code-switching in young bilingual children. In: *Studies in second language acquisition 16*, 1994, pp. 413 - 439.
- MEISEL, Jürgen: “The simultaneous Acquisition of two First Languages: Early Differentiation and Subsequent Development of Grammars”. In: *Trends in Bilingual Acquisition*, ed.por CENOZ, JASONEL/ GENESEE, Fred, Amsterdam: John Benjamin, 11-41.
- OLIVEIRA, M<sup>a</sup> Manuela Moreno: *Processos de intensificação no Português Contemporâneo*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1962.
- POPLACK, Shana: “Sometimes I’ll start a sentence in spanish y termino en español: toward a typology of code-switching.” In: *Linguistics 18*, The Hague: Mouton Publishers, 1980, pp. 582-617.
- ROMAINE, Suzanne: *Bilingualism*. 2<sup>a</sup> ed. Cambridge: Blackwell, 1995 (1<sup>a</sup>ed. 1989).
- SHARWOOD SMITH, Michael/ van BUREN, Paul: “First language attrition and the parameter setting model.” In: *First Language Attrition*, ed. por SELIGER, Herbert/ VAGO, Robert, Cambridge: Cambridge University Press, 1991, 17-30.
- TIMM, L.A.: “Spanish-English Code-Switching: El Porqué y How-Not-To.” In: *Romance Philology 28*, 473- 482.
- VILELA, Mário: *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994
- WEINREICH, Uriel: *Sprachen im Kontakt. Ergebnisse und Probleme der Zweisprachigkeitsforschung* München: Beck, 1976. (título original: *Languages in Contact. Findings and Problems*, trad. al. por Jörg Kohlhasse)

---

<sup>1</sup> Ainda recentemente o professor Brian Head traçou este quadro numa comunicação proferida no âmbito do “Colóquio de Outono 2004”/ Universidade do Minho.

<sup>2</sup> Poplack 1980, 601.

<sup>3</sup> Veja descrição resumida de Martins (1997).

<sup>4</sup> A desenvolver futuramente no âmbito do projecto “O bilinguismo luso-alemão no contexto europeu”, financiado pela FCT em colaboração com o CEHUM/ Universidade do Minho.

---

<sup>5</sup> „While there is little doubt that functional factors are the strongest constraints on the occurrence of code-switching, it is clear that linguistic factors also play a role. [...] the incorporation of both functional and linguistic factors into a single model is necessary to account for code-switching behaviour.” (Poplack 1980, 585)

<sup>6</sup> Veja quadro-síntese em Martins 1997, 62.

<sup>7</sup> Temos, porém, de admitir que existe uma substancial diferença entre um pequeno-almoço português (café e pão ou bolo) e um pequeno-almoço alemão (muito mais rico), o que levanta uma questão que devemos ter sempre em conta: palavras, que aparentemente se equivalem nas duas línguas, designam realidades distintas, pois espelham diferentes maneiras das diferentes sociedades conceberem o mundo. Por isso, e como alertámos inicialmente, a explicação linguística do fenómeno da alternância de códigos tem que ser acompanhada de explicações sócio-culturais e pragmático-discursivas.

<sup>8</sup> A tradução directa de „máquina de vapor“ foi rejeitada pelo falante, uma vez que, segundo a mesma, associa “Dampfmaschine” à máquina de vapor de J.Watt e não a um utensílio doméstico moderno.

<sup>9</sup> Tanto esta ocorrência como a composição híbrida são claros contra-exemplos ao “free-morphem constraint” formulado por Poplack, segundo o qual “codes may be switched after any constituent in discourse provided that constituent is not a bound morfeme”. (Poplack 1980, 585/ 586)

<sup>10</sup> Será muito difícil encontrar, no Português, uma tradução literal para uma exclamação como “Der ist ja süß!”, que poderá aplicar-se em inúmeros contextos (qualificando pessoas, animais, objectos), referindo tanto características morais como físicas.

<sup>11</sup> Que constituiu um extenso *corpus* a partir do romance *Todos os Nomes* de José Saramago.

<sup>12</sup> Temos aqui um campo fértil para a ocorrência de processos de *empréstimo* (*borrowing*), pois, se compararmos o Alemão e o Português quanto a este item, reparamos que o Alemão dispõe de uma maior variedade de verbos que designam a actividade “falar” (sobretudo num registo mais coloquial: *labern, sabbeln, quatschen, schwafeln, schwatzen, plaudern*). Ora o falante bilingue luso-alemão, ao deparar-se com uma lacuna que parece existir no repositório verbal português, tende a preenchê-la com itens lexicais do outro idioma. Assim se explica a ocorrência de formas verbais adaptadas à estrutura fónica e morfológica do Português, como *sabelar* (morfema alemão “sabel” + marca de infinitivo portuguesa “-ar”), muito frequentes no discurso de emigrantes luso-alemães.

<sup>13</sup> Note-se que, como salienta Meisel, a alternância de códigos é um fenómeno de *performance*, pelo que “[the] constraints reflect acceptability rather than grammaticality judgments.” (Meisel 1994, 423) É, portanto, de realçar que os julgamentos de aceitabilidade não deixam de ter um forte pendor subjectivo, dependem, não só, das características individuais de cada um, mas também de factores situacionais e sociais. Muitos autores que estudam este fenómeno têm caído no erro de analisar a gramaticalidade de certas estruturas alternadas, considerando-as gramaticais ou não. Na realidade só se pode, porém, falar de maior ou menor aceitabilidade de um enunciado, julgado por uma comunidade questionada. O teste por nós realizado demonstra isso claramente: em certos casos, a aceitabilidade de enunciados variou de “muito aceitável” a “pouco aceitável”.

<sup>14</sup> Mais uma vez estamos em presença de um verbo „verputzen“ sem equivalente em Português (comer algo rápido e na totalidade).

<sup>14</sup> Exemplo de *DUDEN-Grammatik der deutschen Sprache* (1998, 91).

<sup>16</sup> A equiparação destas duas estruturas constitui uma interferência observada em estudantes bilingues da Universidade do Minho, nomeadamente nas aulas de tradução Ptg.-Al., onde frequentemente se registam traduções como “Er ist am Laufen” para “Ele está a correr.”